

## Sobre uma *Existential-Videnskab*: o conceito de *Inter-Esse* no *Pós-escrito*

### On a *Existential-Videnskab*: the concept of *Inter-Esse* in *Postscript*

Gabriel Ferreira da Silva  
UNISINOS/CAPES  
gabriel@gabrielferreira.com.br

**Resumo:** Em uma entrada dos *Papirer*, situada entre os anos de 1842-1843 (IV C 100), cujo título é “Sobre os conceitos de *Esse* e de *Inter-esse*”, Kierkegaard faz uma consideração metodológica fundamental: as diversas ciências deveriam ser ordenadas e constituídas a partir do acento que colocam sobre o ser (*Vaeren - Esse*). Assim, a ontologia e a matemática, por se desenvolverem a partir de um solo de fundamental unidade entre o pensamento e o ser, constituem um determinado tipo de ciência com características epistemológicas bem delimitadas. Contudo, como Kierkegaard mostra no *Pós-escrito*, o mesmo fundamento não pode ser invocado acerca daquilo que aí é nomeado *Inter-Esse*. Assim, este trabalho pretende delimitar os traços gerais do conceito de *Inter-Esse* bem como suas conexões com o que, naquela mesma nota, Kierkegaard chama de “Ciência existencial” (*Existential videnskab*).

**Palavras-chave:** Kierkegaard, Existência, Ontologia, Epistemologia

**Abstract:** In an entry of *Papirer*, located between the years 1842-1843 (IV C 100), entitled "On the concepts of *Esse* and *Inter-Esse*," Kierkegaard makes a fundamental methodological assertion: the various sciences should be ordered and built through the accent put on being (*Vaeren - Esse*). Thus, the ontology and mathematics, because they develop from a ground of elemental unity between thought and being, are a particular kind of science with epistemological well-defined characteristics. However, as Kierkegaard shows in *Postscript*, the same plea can not be relied on what is named *Inter-Esse*. Thus, this paper aims to outline the general features of the concept of *Inter-Esse* as well as their connections with what, in that same entry, Kierkegaard calls "Existential Science" (*Existential-videnskab*).

**Keywords:** Kierkegaard, Existence, Ontology, Epistemology

Na primeira linha de seu penetrante artigo “On what there is”, W. O. Quine faz uma interessante observação: “A curious thing about the ontological problem is its simplicity” (QUINE, 1999). Não é menos curioso o fato de que parece pairar o mesmo julgamento sobre uma certa simplicidade acerca do conceito de existência em

Kierkegaard, não obstante ele mesmo nos alerte do contrário: “Existência, assim como movimento, é um assunto muito difícil de manejar” (KIERKEGAARD, *CUP*, p. 308). Dizemos simplicidade não porque não se tenha a consciência da importância e do lugar deste conceito no pensamento kierkegaardiano, mas porque tanto as profundas raízes filosóficas quanto as consequências do horizonte do conceito de Existência em Kierkegaard parecem ainda não terem sido completamente explicitados<sup>1</sup>.

O quadro torna-se mais crítico por dois outros motivos que se interpenetram, um histórico e outro sistemático. A concordarmos com a tese de D. Walsh, desenvolvida no seu monumental *The modern philosophical revolution: the luminosity of existence* (WALSH, 2008), Kierkegaard é o ponto alto de uma revolução na história da filosofia – que vai de Kant a Heidegger e Derrida – que colocou um acento importante e inédito justamente no conceito de Existência<sup>2</sup>. Kierkegaard radicaliza a centralidade do conceito de existência como aspecto não meramente regulativo, mas constitutivo das categorias fundamentais dos problemas filosóficos. Este influxo existencial não é radicalmente diferente do que pode ser visto no pensamento do Husserl tardio, preocupado com o *Lebenswelt*, ou mesmo de Dilthey e Heidegger, e que é geralmente louvado nestes e visto com certa desconfiança “subjativista”, “irracionalista” e/ou “psicologizante” em Kierkegaard. Portanto, um trabalho que se dedique a aclarar as profundas determinações do conceito de Existência em

---

<sup>1</sup> Uma obra capital neste contexto é a de GONZALEZ, 1998. Por outro lado, como sinal da veracidade do que dizemos aqui, mesmo a obra de G. Malantschuck, que em inglês recebeu o promissor título de *Kierkegaard's concept of existence* (MALANTSCHUCK, 2003) simplesmente não ataca o conceito de existência como tal, em vista dos desdobramentos histórico-sistemáticos do conceito e, por conseguinte, a posição de Kierkegaard quanto a eles (justiça seja feita ao autor: o título original em dinamarquês é *Fra Individ til den Enkelte*, o qual é bem mais adequado ao escopo da obra).

<sup>2</sup> Nas palavras de D. Walsh: “It (o livro) suggests that philosophy, beginning with Kant, has explicitly shifted from an account of entities and concepts to an existential meditation on the horizon within which it finds itself. So while metaphysics in the propositional sense may have become defunct, it is not by any means the case that our orientation within metaphysical openness has disappeared. The death of metaphysics in thought has meant the return of metaphysics in life.” (WALSH, 2008, p. xiii). Não é por outro motivo que a ordem dos capítulos do livro subverte a linha cronológica e, embora se inicie com Kant, termina justamente com Kierkegaard, tendo Nietzsche, Heidegger, Levinas e Derrida como capítulos intermediários.

Kierkegaard teria uma importância nuclear para a exata aferição da posição de Kierkegaard neste processo.

No que diz respeito a um motivo intrínseco à obra de Kierkegaard, é inegável que em seu horizonte conceitual o conceito de Existência desempenha um papel preponderante. Ele é o ponto irradiador e articulador dos problemas epistemológicos, éticos e religiosos desenvolvidos em toda a obra. Novamente, trazer à tona todas as suas determinações eminentemente filosóficas é, obviamente, fundamental. Assim, o que dissemos pode ser resumido em duas perguntas: Qual a posição de Kierkegaard quanto ao *status quaestionis* do conceito de Existência? e De que modo tal posicionamento conforma ou determina o tratamento de outros tópicos no interior de sua obra, como a epistemologia, a ética e a religião? Contudo, está claro que tal empresa ultrapassa e muito os limites deste artigo. Desse modo, nosso intento aqui é tão somente mostrar porque isto é um problema de primeira grandeza na pesquisa kierkegaardiana e apontar topicamente algumas pequenas sub-questões que compõem o quadro geral deste tema.

### **1. O *status quaestionis*: Kierkegaard e o problema do predicado existencial**

Problemas acerca do conceito de existência e de seu uso predicativo perpassam toda a história da Filosofia. De modo especial, o século XIX, sob influxo kantiano e hegeliano, viu o problema existencial como proeminente. Portanto, deveria causar certo estranhamento o fato de que, geralmente, Kierkegaard não seja contado entre aqueles que de alguma maneira contribuíram para o estado de tal questão. É bem verdade que, em parte, isto se deve ao pouco interesse em fixar as determinações deste conceito em Kierkegaard face ao problema existencial tal qual ele foi tratado naquele contexto. Em geral, as considerações dos problemas ao redor do conceito de Existência no século XIX se concentram no tratamento lógico-linguístico que viria se firmar como o viés analítico. Contudo, como pretendemos mostrar, as

contribuições de Kierkegaard não parecem ser desprezíveis mesmo deste ponto de vista.

Embora o conceito de Existência desempenhe papel determinante em todo o *corpus* kierkegaardiano, é possível dizer que é nas obras assinadas pela pena do pseudônimo Johannes Climacus que tal conceito ganha um tratamento mais detido e definitivo. É justamente nos anos de confecção destas obras que aparece em seus *Papirer* (IV C 100) a nota que nos serve aqui de mote:

#### SOBRE OS CONCEITOS DE ESSE E DE INTER-ESSE

Um ensaio metodológico

As diferentes ciências deveriam ser ordenadas segundo os diferentes modos de acentuarem o Ser [*Væren*]; e como a relação para com o Ser lhes dá vantagens recíprocas.

Ontologia

} Destas a certeza é absoluta – aqui Pensamento e Ser são um, mas em contrapartida estas ciências são hipotéticas.

Matemática

Ciência-Existencial

Há alguns pontos a serem observados nesta entrada:

a) A nota é um ensaio metodológico e veicula um princípio ordenador das ciências ou saberes. Estes devem ser organizados de acordo com suas relações para com o Ser;

b) tais modos de relação – ou relações – para com o Ser conferem às ciências determinadas vantagens recíprocas [*reciprok Fordeel*]. A relação de “vantagens” ou atributos é bidirecional, ou seja, tanto o enfoque ontológico ou objeto de determinada ciência determina as propriedades epistêmicas desta, quanto as qualidades epistêmicas de cada ciência destinam-se ou aplicam-se a certo objeto ou enfoque ontológico;

c) embora a própria natureza da anotação o denote, pelo fato de elaborar uma *divisão*, é claro que tais possibilidades de relações de determinações recíprocas significam que Kierkegaard entende que a aproximação ao Ser não se dá de forma unívoca. Assim, a Ontologia e a Matemática<sup>3</sup> têm como objetos entidades cognoscíveis *a priori* sobre os quais é possível um saber cuja certeza é absoluta. Contudo – ou como diz Kierkegaard, “em contrapartida” [*Gjengjeld*] –, tal conhecimento é hipotético [*Hypotheser*], isto é, diz respeito a objetos conceituais e, como tais, possíveis;

d) do fato de que os objetos da Ontologia e da Matemática sejam, enquanto conceitos, meros possíveis, decorre que a relação entre Ser e Pensamento seja de identidade: não porque Kierkegaard seja partidário da correção de tal relação mas, ao contrário, justamente porque aqui “ser” é “ser pensado” e não pode ter existência senão intramental.

---

<sup>3</sup> Conferir a estreita proximidade com o juízo que faz P. M. Møller acerca das propriedades da Ontologia e da Matemática em seu “Pensamentos sobre a possibilidade de provas da imortalidade do homem”: “Mas a ontologia, como as matemáticas, contém uma soma de proposições hipotéticas: ela propõe uma exposição *a priori* de todos os predicados que podem ser ditos de tudo o que poderia existir; mas que alguma coisa existe realmente, isto deve ser conhecido por uma outro via. Só as condições imutáveis da existência, não seu conteúdo real, são passíveis de serem expostas *a priori* pela ciência.” In: VERGOTE, 1993, p. 174. Há ainda uma estreita relação entre o modo que Kierkegaard entende o conceito de Existência e estas palavras de Møller, como se evidenciará mais adiante.

e) Por fim, ainda que não a desenvolva, Kierkegaard aponta ao final da anotação, fora da chave que enfeixa “Ontologia e Matemática”, uma instância distinta, alternativa, ou seja, a “*Existential Videnskab*” ou Ciência/Saber Existencial. A ausência de desenvolvimento não deve causar espanto. Ela é plenamente desenvolvida no *Pós-escrito* e pode em grande medida, como faremos mais adiante, ser derivada por oposição<sup>4</sup>.

Assim, exatamente pelo fato de que o foco do que Kierkegaard tem em mente é uma ciência ou saber existencial é que o momento lógico que deveria preceder quaisquer considerações ulteriores é aquele no qual se explicita o que Kierkegaard realmente compreende pelo conceito de Existência ao menos três em níveis:

i) no nível “ontológico”, que espécie de relação com “Ser” tem a Existência? Se segundo a anotação que apresentamos a relação dos saberes com o conceito de Ser não é unívoca (c) e este determina o modo de apreensão empreendido pelas diversas ciências (b), a simples proposta de uma ciência existencial distinta da Ontologia (tradicional) aponta para um tipo especial de objeto, ou seja, a Existência ela mesma. Assim, qual o estatuto ontológico da Existência?

ii) no nível “lógico-ontológico”, ou seja, o que significa dizer que X existe? “Existência” é, para Kierkegaard, um predicado de primeira ou de segunda ordem? É um predicado que pode ser dito universalmente ou é restrito a um determinado grupo de entes (a saber, os seres humanos)?

iii) no nível “ético-epistemológico-existencial”, ou seja, a compreensão do conceito de existência em Kierkegaard é de tal modo que acarreta consequências éticas, epistemológicas e religiosas necessariamente ou apenas acidentalmente?

---

<sup>4</sup> Deve-se notar que o uso do conceito de Ciência/Saber também é modificado pelo objeto, no caso da *Existential-Videnskab*. É neste sentido que o *Pós-escrito* pode ser o desenvolvimento de uma Ciência/Saber existencial e ainda assim ser chamado de “Não-científico” (*Uvidenskabelig*) sem que Kierkegaard incorra aqui em uma contradição: não porque o Saber Existencial não possa ser dito certo tipo de conhecimento, mas porque não o é no sentido bem preciso de Ciência (*Videnskab*) tal como entendido a partir da matriz hegeliana da *Wissenschaft*.

Por fim, e talvez o aspecto mais importante, quais as relações entre “i”, por um lado, e “ii” e “iii”? É possível ver claramente que se “iii” recebe uma resposta a favor da necessidade, isto determina uma certa opção de resposta de “ii”, no sentido de que se existência necessariamente tem consequências éticas, epistemológicas e religiosas, parece claro que o predicado “existe” fica restrito a um determinado grupo de entes, a saber, aqueles que podem ser também agentes ou sujeitos de conhecimento, de ações moralmente justificáveis e religiosos. Assim como, iniciando pelas opções de “ii”, se “existência” é um predicado de segunda ordem, ele não acrescenta absolutamente nada ao sujeito seguindo, em linhas gerais, a linha de pensamento kantiana (e, de certa maneira, a fregeana<sup>5</sup>) em que “existência” diz respeito tão somente à *Positio/Setzung*<sup>6</sup>. Ora, sendo assim, já teríamos uma certa sugestão de caminho para as respostas de “iii”. Ainda mais, vê-se claramente como uma resposta a “i” modifica radicalmente “ii” e “iii”.

Nossos últimos comentários parecem pedir algum tipo de justificativa. É possível falar de uma ontologia ou de um pensamento sobre o Ser em Kierkegaard? Há algumas justificações possíveis. Poderíamos dizer, por exemplo, que o termo “ontologia” não possui um sentido unívoco nem na história da filosofia como um todo, nem mesmo no próprio século XIX. Poder-se-ia dizer também que o que há em Kierkegaard é uma “ontologia enfraquecida”, mais ou menos nos moldes da

---

<sup>5</sup> Sobre a concepção de Frege de existência como quantificação, conferir o §53 de *Os fundamentos da aritmética*, no qual Frege afirma que Existência é “uma propriedade de conceito”: “Sob este aspecto a existência assemelha-se ao número. De fato, a afirmação de existência nada mais é que a negação do número zero. Por ser a existência uma propriedade de conceito, a prova ontológica da existência de Deus não atinge seu objetivo.” (FREGE, 1974, pp. 243-244). Conferir também a discussão acerca do conceito de existência entre Frege e Punjer (FREGE, 1979) na qual Frege trata dos problemas referentes ao conceito de Existência sob um pano de fundo mais amplo.

<sup>6</sup> Os dois lugares, por excelência, nos quais Kant trata do conceito de existência são KANT, 2004 e KANT, 2001, B 620 – B 630. Kierkegaard possuía ambas as obras, como indica GREEN, 1992, p. 236. Conferir também a concepção de Hume da qual a de Kant em praticamente nada se afasta: “É igualmente evidente que a ideia de existência em nada difere da ideia de um objeto e que, quando após a simples concepção de uma coisa queremos concebê-la como existente, em realidade não adicionamos nem alteramos nada à ideia primitiva” (HUME, 2001, p. 130 – I, III, 7).

justificativa de D. Gonzales<sup>7</sup>. Contudo, não cremos ser suficiente para justificar algo que, a nosso ver, tem importância cabal para o pensamento de Kierkegaard, apontar simplesmente para critérios ou argumentos formais do pensamento do filósofo de Copenhague, ainda que possamos chegar a concordar com algumas delas após análise dos argumentos intratextuais. Acreditamos ser não só justificável afirmar que, em Kierkegaard, há uma ontologia, como pretendemos mostrar que tal discurso desempenha um papel central. Assim, seja lá a inflexão que dermos ao termo “ontologia”, não podemos nos afastar do sentido primário ligado à própria etimologia da palavra. Ontologia é um “*Lógos peri to òn*”, ou seja, um “discurso concatenado sobre o ser”. As partes mutáveis desta definição são os sentidos distintos que podem assumir as palavras “discurso” e “ser”, sendo que esta última assume sempre – ainda que em maior ou menos grau – o papel de abrigar uma noção cujo suposto é a resposta à pergunta “O que é isto?”. Se o que dissemos estiver correto, dizer que há uma ontologia em Kierkegaard não corresponde, de modo algum, a comprometê-lo com uma ontologia de tipo “x” ou de tipo “y”. Em outras palavras, não equivale a dizer de Kierkegaard que ele é um “essencialista”, “substancialista”, “monista”, “dualista”, “realista” ou comprometido com qualquer outra ontologia historicamente identificável. Dizer que em Kierkegaard há uma ontologia significa dizer tão somente que há nele “um discurso concatenado sobre o ser”, ficando em aberto, justamente, o sentido dos termos “discurso” e “ser”. Quanto ao sentido do primeiro – discurso –, não é nosso objetivo tratar dele. Quanto a auxiliar na clarificação do sentido da segunda – ser –, é exatamente o que pretendemos aqui.

O modo correto de apresentar esta questão é, então: A *existentiel-videnskab* de Kierkegaard é uma ontologia? Se sim, a menos que caiamos numa contradição, ela não deve ter as mesmas características apontadas por Kierkegaard sob o nome “Ontologia” naquela referida nota dos *Papirer*. Portanto, em caso afirmativo, qual seu

<sup>7</sup> Mais precisamente, Gonzales parece dizer que a ontologia kierkegaardiana é enfraquecida também por conta da fraqueza ou deficiência do seu objeto – a existência humana. Se esta é a tese de Gonzales, concordamos inteiramente com ele. Se a tese se refere à fraqueza como uma qualidade do discurso kierkegaardiano sobre o ser, não o acompanhamos.

sentido e quais são as suas determinações? Para isso, faz-se necessário atentar para as determinações existenciais contidas tanto em *Migalhas filosóficas* quanto no *Pós-escrito*.

## 2. *Inter-Esse*: o conceito de Existência como intermediariedade e imperfeição

Como já o dissemos, são os escritos de Johannes Climacus os *tópoi* privilegiados para buscarmos as determinações do conceito de Existência em Kierkegaard. E embora as considerações sobre o assunto perpassem a totalidade dos livros, há dois momentos especialmente significativos para o que aqui queremos focalizar.

### 2.1 Migalhas Filosóficas

Nas *Migalhas filosóficas*, há dois momentos nos quais Kierkegaard ataca a questão. O primeiro deles é o famoso *Interlúdio* que o autor interpõe aos capítulos IV e V. Há ali uma seção intitulada justamente “*Tilblivelse*”, “Devir”, “Vir a ser” ou “Vir à existência”<sup>8</sup>. A pergunta que move a seção é “Como é que muda o que vem a ser; ou qual a mudança (*kinesis*) própria do devir? Qualquer outra mudança (*alloiosis*) pressupõe que exista aquilo em que se dá o processo da mudança, mesmo quando a mudança consiste no cessar de existir. Mas com o devir não é assim;” (KIERKEGAARD, 1995, 105). Um pouco adiante, há um trecho particularmente interessante:

Se um plano, na medida em que ele vem a ser, se altera em si mesmo, então não é mais este plano que vem a ser; mas se ao contrário ele vem a ser sem se alterar, então qual é a mudança do devir? Esta mudança não é então mudança na essência, mas no ser, e é mudança do não-existir para o existir” (KIERKEGAARD, 2008, pp. 105-106).

---

<sup>8</sup> Álvaro Valls, em sua preciosa tradução, opta por “Devir”, como sinônimo de vir a ser e aponta, em nota, as opções de D. Swenson (“Coming into existence”) e de P. H. Tisseau (“Le devenir”). Os Hong optaram também por “Coming into existence”). Cf. KIERKEGAARD, 2008, p. 105.

Não se deveria ignorar que, no excerto acima, Kierkegaard está se comprometendo com certa posição acerca do problema por nós apontado em (ii). Em termos mais estritamente lógicos, o que Kierkegaard está dizendo é que a existência nada adiciona à natureza da coisa (e, portanto, às determinações de seu conceito). Ao vir a ser, algo simplesmente é “posto” no nível da atualidade. Mas seria este comprometimento com tal posição um ato acidental? O fato de que Kierkegaard trate deste tema no âmbito em que discute questões de modalidade já bastaria para indicar que não<sup>9</sup>; dizer que vir à existência é uma característica necessária a uma essência é um contrassenso justamente porque “possibilidade e atualidade não são diferentes na essência, mas no ser” (KIERKEGAARD, 2008, p. 107). Mas uma nota dos *Papirer* nos auxilia a esclarecer a posição kierkegaardiana:

O que confunde toda a ideia de “essência” na lógica é que a atenção não é dada ao fato de que ela funciona continuamente com o “conceito” existência. Mas o “conceito” existência é uma idealidade, e a dificuldade é precisamente se existência é absorvida no conceito. Assim, Spinoza talvez estivesse certo: *essentia involvit existentiam*, isto é, o conceito-existência, ou seja, existência na idealidade. De outro ponto de vista, Kant está certo em dizer: “Existência não adiciona nenhum predicado a um conceito”. Obviamente Kant pensa honestamente existência como não sendo absorvida no conceito, a existência empírica. Em todas as relações de idealidade, é verdade que *essentia* é *existentia*, se o uso do conceito existência é, de outro modo, justificado aqui. A afirmação leibniziana: Se Deus é possível, ele é necessário – é inteiramente correta. Nada é acrescentado a um conceito se ele tem existência ou não; é uma questão de completa

---

<sup>9</sup> Comparar com KANT, CRP, B 106. Cf. também MESSAGE, 1997.

indiferença; ele realmente tem existência, isto é, existência-conceito, existência ideal.<sup>10</sup>

Assim, novamente, se “possibilidade e atualidade não são diferentes na essência, mas no ser” (KIERKEGAARD, 2008, p. 107), vir a ser é um acréscimo exterior à essência e, portanto, Kierkegaard está muito próximo de afirmar a existência como uma espécie de predicado de segundo grau<sup>11</sup>.

É uma conclusão semelhante a que aparece no capítulo III. No contexto das considerações acerca da necessidade de prova da existência do deus, em uma grande nota de rodapé justamente a partir da afirmação de Spinoza já analisada na entrada dos *Papirer* acima (KIERKEGAARD, MF, pp. 66-67, nota 6). A nota é índice inegável do conhecimento e do interesse de Kierkegaard pelo estado da questão sobre o conceito de Existência. As posições acerca das determinações deste conceito expostas aí são um reforço e uma explicitação àquelas que aparecem no *Interlúdio*. Em suas asserções centrais, diz Kierkegaard:

O que está faltando aqui é uma distinção entre ser de fato e ser ideal. O uso em si e por si nada claro, de se falar em mais ou menos ser, e conseqüentemente em graus de realidade ou do ser, torna-se ainda mais confuso quando aquela distinção acima não é feita [...]. Em relação ao ser fatural, não tem nenhum sentido falar de mais ou menos ser. Uma mosca, se ela é, tem tanto ser quanto o deus; [...] O ser de fato é totalmente

<sup>10</sup> “Det, der forvirrer hele Læren om »Væsenet« i Logiken er at man ikke paaagter, at man bestandig opererer med »Begrebet« Existents. Men *Begrebet* Existents er en Idealitet, og Vanskeligheden er just om Existents gaaer op i Begreb. Saa kan Spinoza have Ret: *essentia involvit existentiam* nemlig *Begrebs-Existents: Idealitets Existents*. Men Kant har fra en anden Side Ret i, at ved »Existents kommer der ingen ny Indholdsbestemmelse til et Begreb.« K. tænker aabenbart redelig paa Existents som ikke gaaende op i Begrebet, empirisk Existents. Overalt i Idealitetens Forhold gjælder det at *essentia er existentia* – hvis det ellers gjælder, at bruge det Begreb *existentia* der. Den *leibnitziske Sætning*: naar Gud er mulig er han nødvendig, er ganske rigtig. Der kommer Intet til et Begreb enten det har Existents ell. ikke; det er aldeleslige gyldigt derved; det har jo Existents ∴ *Begrebs-Existents, ideal Existents*” (SK, NB 14, pp. 434-435 – 1849-1850).

<sup>11</sup> “Is being, then, a category? It is by no means what quality is, namely, determinate being, determinate in itself; the accent lies on determinate, not on being. Being is neither presupposed nor predicated. In this sense Hegel is right--being is nothing; if, on the other hand, it were a quality, then one could wish enlightenment on how it becomes identical with nothing. The whole doctrine about being is a fatuous prelude to the doctrine of quality.” (IV C 66 n.d., 1842-43).

indiferente à diversidade de toda e qualquer definição essencial, e tudo que existe participa do ser sem ciúme mesquinho, e participa no mesmo grau (KIERKEGAARD, 2008, p. 67).

Assim:

a) Ser de fato, atual, é distinto de ser ideal; a não consideração de tal distinção leva à falsa tese de que há gradações de Ser (factual);

b) ser factual, atualidade, não conhece gradações, o que significa dizer que a concepção aí veiculada é, novamente, uma posição acerca de (i): ser não é analógico.

Mas certamente isto não esgota as determinações, ainda que estejamos tratando das estritamente filosóficas, do conceito de existência no pensamento kierkegaardiano<sup>12</sup>.

## 2.2 Pós-escrito: Existência como *inter-esse*

Parece-nos fora de dúvida que é no *Pós-escrito conclusivo não-científico às Migalhas Filosóficas* que, por excelência, encontramos as notas ou caracteres pertencentes ao conceito de existência segundo Kierkegaard. É aí também que aparece a caracterização da Existência como *inter-esse*, como hipóstase do plano presente na nota de 1842-1843: “Para um existente, existir é para ele seu mais alto interesse, e seu interesse em existir é sua atualidade. O que é a atualidade não pode ser expresso na linguagem da abstração. Atualidade é um *inter-esse* entre pensamento e ser na unidade hipotética da abstração” (KIERKEGAARD, *CUP*, 314)<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Conferir também a seguinte nota dos *Papirer*: If being [Væren] were really a quality, then I must also be able to determine it quantitatively, for quantity in contrast to quality is an indifferent determination. I can determine a field quantitatively; it still continues to be a field. But to determine being quantitatively is meaningless; for either it is or it is not, a more or less here is nonsense which would abrogate quality itself. (IV C 67 n.d.)

<sup>13</sup> “For den Existerende er det at existere ham hans høieste Interesse, og Interesseretheden i at existere Virkeligheden. Hvad Virkelighed er, kan ikke angives i Abstraktionens Sprog. Virkeligheden er et *inter-esse* mellem Abstraktionens hypotetiske Eenhed af Tænken og Væren.” (SKS, 7, p. 287)

Embora a expressão “*inter-esse*” conheça pouquíssimas ocorrências literais na obra de Kierkegaard<sup>14</sup>, as notas distintivas do conceito aparecem recorrentemente no *Pós-escrito* e não poderia ser de outra maneira. Em conjunto com as determinações do conceito de Existência tal como recebida da tradição (Existência como movimento; Existência como atualidade e Existência como *positio*), Kierkegaard afirma a *intermediariedade* (*Mellemvæsen*) e a *incompletude* (*Ufuldkommenhed*) como elementos decisivos para a compreensão da Existência. Ainda mais, a própria caracterização da Atualidade (*Virkelighed*) como *inter-esse* reforça a centralidade do espectro deste conceito para a compreensão da “Existência” kierkegaardiana. É o que se pode ver também no seguinte trecho:

Mas seguramente um homem individual existente não é uma ideia; certamente sua existência é algo diferente da existência-pensada da ideia? Existir (no sentido de ser este homem individual) é certamente uma imperfeição comparada com a vida eterna da ideia, mas uma perfeição em relação a não ser de modo algum. Existir é algo como um estado intermediário [*Mellemtilstand*], algo que é adequado a uma natureza intermediária [*Mellemvæsen*] como é a de um homem (KIERKEGAARD, CUP, p. 329).

O *Pós-escrito*, à necessária semelhança com *Migalhas*, também consagra às reflexões sobre o conceito de Existência, uma seção cujo primeiro parágrafo é especialmente denominado “O que é existir; Atualidade”<sup>15</sup> (Parte II, Seção II, Cap. 3, §1). A seção como um todo, embora os parágrafos subsequentes recebam outros títulos, é devotada a tal explicitação. Aí, há pelo menos 7 notas ou propriedades determinantes para o conceito de Existência:

a) Existência é movimento e não pode ser pensada sem este (CUP, p. 312<sup>16</sup>)

<sup>14</sup> Segundo nos informa a busca eletrônica da SKS, o termo tem 2 ocorrências: na nota dos *Papirer* que citamos, no *Pós-escrito* e uma ocorrência em que aparece escrito sem hífen nos papéis referentes ao *De omnibus dubitandum est*.

<sup>15</sup> “Det at existere; Virkelighed” (SKS, 7, p. 274).

<sup>16</sup> “Forsaavidt Existents er Bevægelse gjelder det (...)” (SKS, 7, 284)

b) Existência é, em suma, atualidade (*Tilværelse*) (*CUP*, p. 315), e enquanto tal não conhece gradação (b')

c) Não se pode existir sem paixão (*CUP*, p. 311) e constitui o interesse máximo para o existente<sup>17</sup> (*CUP*, p. 315)

d) Não é possível ser derivada necessariamente do pensamento (*CUP*, p. 317)

e) Existência não pode ser apreendida, enquanto tal, pelo pensamento abstrato (ou *sub specie æterni*) pois este a anula (*CUP*, p. 308<sup>18</sup>); ela separa pensamento e ser (*CUP*, p. 332)

f) Existência é um *inter-esse* entre pensamento e ser (*CUP*, p. 314); é um estado intermediário como convém a um ser (de natureza) intermediária, como o homem (*CUP*, p. 329).

g) Existência é sempre particular (*CUP*, p. 330)<sup>19</sup>

h) Existência [*Existere*] é certa imperfeição [*ufuldkommen*] comparada à perfeição da ideia, mas uma perfeição em relação ao não-ser em absoluto (*CUP*, p. 329; veja-se também a comparação com uma rosa e com uma batata em *CUP*, p. 330-331)<sup>20</sup>.

A Ciência Existencial que Kierkegaard tem em mente é um discurso que se posiciona quanto ao entendimento do Ser. É, portanto, uma ontologia, mas uma ontologia *sui generis* que toma por objeto um ente igualmente *sui generis*. Ela deve ser um saber sobre o ser de um ente não-idêntico, em devir e que se dá no ponto de tangência entre distintos pares de opostos. Sob este ângulo, o que ocorre não é uma ruptura radical com a tradição metafísica até então – a metafísica tradicional continua

<sup>17</sup> É importante pensar o conceito de Paixão (*Lidenskab*) em conjunto com o de Imperfeição (*Ufuldkommen*) a partir da constatação, já aristotélica, de que a paixão é característica do mundo sublunar, ou seja, de entes imperfeitos.

<sup>18</sup> "At tænke Existents sub specie æterni og i Abstraktion, er væsentligen at ophæve den" (SKS, 7, p. 281)

<sup>19</sup> "But existence corresponds to the individual; as Aristotle has already taught, the individual lies outside of and is not absorbed in the concept." (X.2 A 328).

<sup>20</sup> "At existere (i Forstand af at være dette enkelte Menneske) er vel en Ufuldkommenhed i Sammenligning med Ideens evige Liv, men en Fuldkommenhed i Forhold til det, slet ikke at være. En saadan Mellemtilstand er omtrent det at existere, Noget der passer sig for et Mellemvæsen, som Mennesket er det." (SKS, 7, p. 301)

falando de entidades conceituais *a priori* e possíveis –, mas com o *existential turn* kierkegaardiano dá-se a reconsideração do estatuto ontológico de determinado ente que exige uma nova aproximação. Como assevera D. Gonzales, “C’est à ce point que la ‘science de l’existence’, différenciée de la science de l’être en tant qu’être, se réinscrit dans la pensée de Kierkegaard comme possibilité d’une ontologie d’ordre différent, une ontologie concernant cet *entre-deux* dans lequel se détermine l’effectivité du réel” (GONZALES, 1998, p. 166).

Mas fica então uma questão: como devem ser entendidas as determinações de “intermediariedade” e “incompletude” predicadas ao conceito de Existência frente a uma recusa tácita da *Analogia Ens*? Tais notas constitutivas do Existente não devem ser levadas em conta necessariamente na compreensão da epistemologia, da ética e da religião própria ao “existente *qua* existente?”. Embora as aporias em relação ao estado existencial nos pareçam totalmente resolvidas, as determinações do conceito de Existência como *inter-esse*, em suas notas principais parecem então serem fruto do encontro e da fusão tanto da recepção kierkegaardiana do *status quaestionis* do problema acerca dos enunciados existenciais quanto da ontologia cristã que compreende o homem como estando no interior de uma natureza decaída mas que, no entanto, goza de certo privilégio divino, posto que é para ele que o deus vem trazer a possibilidade de beatitude eterna. Por isso Kierkegaard pergunta “Mas o que é a existência? É aquela criança que foi gerada pelo infinito e o finito, pelo eterno e o temporal, e que, por isso, está continuamente se esforçando” (KIERKEGAARD, *CUP*, p. 92). Sinal desta fusão é a afirmação de extrema importância feita por Kierkegaard ainda no *Pós-escrito*: “‘Existir’ significa geralmente apenas que por vir a ser o indivíduo existe e está em devir; agora isto significa que por vir a ser ele torna-se um pecador. ‘Existir’ geralmente não é um predicado mais definidor, mas é a forma de todos os predicados definidores.” (KIERKEGAARD, *CUP*, p. 583)<sup>21</sup>. Esta concepção desempenha

<sup>21</sup> “At existere betyder ellers blot at Individet ved at være blevet til er til og i Vorden, nu betyder det at han ved at være bleven til er bleven en Synder; at existere er ellers intet nærmere bestemmende

papel constitutivo – e não apenas regulativo – nas atividades epistêmicas, éticas e religiosas do homem, como a nota metodológica já adianta. Uma *Existential-videnskab*, uma ciência existencial, não pode se dar senão a partir das considerações destas notas e deste solo conceitual a nosso ver, ainda a ser completamente explorado.

### Referências bibliográficas

CARIGNAN, M. (1995) *Essai sur l'Intermède de Kierkegaard*, Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa.

FREGE, G. (1974) *Os fundamentos da aritmética* (trad. Luís Henrique dos Santos), São Paulo: Abril, Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. (1979) "Dialogue with Punjer on Existence" In: *Posthumous Writings* (Hans Hermes e Friedrich Kambartel, orgs.), Chicago: The University of Chicago Press.

GONZALES, D. (1998) *Essai sur l'ontologie kierkegaardienne – idéalité et détermination*, Paris: L'Harmattan.

GREEN, R. M. (1992) *Kierkegaard and Kant – The hidden debt*, Nova Iorque: SUNY.

HUME, D. (2001) *Tratado da natureza humana* (trad. Serafim da Silva Fontes), Lisboa: Calouste Gulbenkian.

KANT, I. (2001) *Crítica da razão pura* (trad. M. P. dos Santos e A. F. Morujão), Lisboa: Calouste Gulbenkian.

\_\_\_\_\_. (2004) *El único argumento posible para una demostración de la existencia de Dios* (trad. E. G. Belsunce), Buenos Aires: Prometeo.

KIERKEGAARD, S. A. *Afsluttende uvidenskabelig Efterskift* In: Søren Kierkegaards Skrifter elektronisk - version 1.6 – 2011. (SKS 7).

\_\_\_\_\_. (CUP - 1992) *Concluding unscientific postscript to philosophical fragments* (trad. H. V. Hong e E. H. Hong), Princeton: Princeton University Press, vols. I e II.

---

Prædikat, men alle de nærmere bestemmende Prædikaters Form, man bliver ikke til Noget ved at blive til, men nu er det at blive til at blive en Synder." (SKS, 7, p. 530)

\_\_\_\_\_. (1967) *Soren Kierkegaard's journals and papers*, (trad. H. V. Hong e E. H. Hong), Bloomington: Indiana University Press.

\_\_\_\_\_. (2008) *Migalhas filosóficas – ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus* (trad. Álvaro Valls), Petrópolis: Vozes.

MALANTSCHUCK, G. (2003) *Kierkegaard's concept of existence* (trad. H. V. e E. H. Hong, Milwaukee: Marquette University Press.

MESSAGE, J. "Kierkegaard, Trendelenburg; la logique et les catégories modales", in: *Kairós* 10, Presses Universitaires du Mirail, Toulouse, 1997, pp. 49-61.

MØLLER, P. M. *Réflexions sur la possibilité de prouver l'immortalité de l'homme* In: VERGOTE, H-B. (1993) *Lectures philosophiques de Søren Kierkegaard*, Paris: PUF.

QUINE, W. O. (1999) 'On What There Is' In: *From a Logical Point of View*, New York: Harper and Row, pp. 1–19, 20<sup>a</sup> reimp.